

Passado e presente em Etnomatemática

Ana Priscila Sampaio Rebouças

Araguaína, Tocantins, Brasil

ana.reboucas@ufnt.edu.br

Doutora em Ensino

Universidade Federal do Norte do Tocantins

<https://orcid.org/0000-0002-0923-6496>

As bonecas eram suas alunas, aprendiam a ler, escrever e contar. Sentadas à mesa, acompanhavam as aulas esboçadas em um quadro de giz. Com o tempo, deram lugar a algumas crianças da vizinhança, alunos de reforço da sua irmã adolescente. Desde muito cedo aquela menina soube que queria ser professora e tão logo entrou na adolescência ocupou formalmente este posto assumindo a função de sua irmã.

Encantava-se com o conhecimento, sem importar-se com a área. Questionava, pesquisava, argumentava. Como tantos estudantes, ousou repetidamente perguntar: “Onde vamos aplicar esse conteúdo que estamos estudando?” e “Quando vou aprender mais sobre esse assunto?” Perguntas diferentes, silenciamento unívoco: “Lá na frente você vai ver!”

A menina cresceu, ingressou na licenciatura em Matemática. Um ano depois tornou-se professora de Ciências e Matemática em uma escola da zona rural. Quantos desafios teóricos e práticos lhe foram apresentados. O principal referiu-se a como ensinar matemática aos seus alunos, naquela escola, naquele lugar. Não era qualquer lugar, mas o povoado do qual sua família imigrou para que os filhos pudessem estudar. Na escola evitada por sua família, que se esforçou, para além de suas possibilidades, para que seus filhos tivessem a educação que julgavam de qualidade.

A compreensão do seu contexto de atuação tornou-se a mola propulsora do seu trabalho e também da sua formação. Em busca de respostas chegou à Etnomatemática. Com muita dificuldade foi identificando textos que lhe ajudaram a pensar em possibilidades de atuação. Especialmente textos de Ubiratan D'Ambrosio, disponíveis no



UOL, hoje reunidos no e-book "Ubi na Web", lhe impactaram profundamente por relacionarem-se às questões filosóficas que trazia consigo.

Compreendendo a Etnomatemática como a matemática descomplicada, visitou com colegas da licenciatura, construções de casas, milharais e pocilgas. Buscou identificar nesses locais conhecimentos matemáticos que pudessem ser trabalhados em sala de aula. A tarefa de observação foi interessante, porém trouxe mais questionamentos. Havia muita matemática nesses locais, mas não era a matemática acadêmica/escolar.

Encorajada por suas dúvidas propôs um projeto de pesquisa e com seus alunos transformou a comunidade em sala de aula. Juntos percorreram residências, conversaram com pedreiros, carpinteiros, pubeiras e lavradores. Aprenderam sobre área e perímetro, com a cubagem de lavouras desenhada com um graveto no chão. Aprenderam sobre volume com a explicação de cálculos mentais relativos à colheita e transporte de mandioca em jacás. Aprenderam sobre formas geométricas com os gestos de um pedreiro que explicava suas construções.

Em sala de aula discutiram tudo o que viram, ouviram e registraram. Em atenção ao currículo oficial, a professora articulava as experiências ao que era determinado no planejamento para cada ano escolar. Mas os discursos que emergiram não cabiam ali. Foi então que ela se encontrou com a interdisciplinaridade. Pensou que ao promover o diálogo entre as matemáticas e outras disciplinas daria conta de responder questões diversas que surgiram, muitas das quais relacionadas à sobrevivência.

Com o tempo precisou afastar-se do exercício da docência, mas não se afastou da sala de aula, fez especialização, mestrado e doutorado, um longo caminho até retomar formalmente sua vocação, agora docente da educação superior. Em todo esse percurso não se separou da Etnomatemática, aprofundou-se nos estudos por meio da pesquisa e da participação em comunidades e eventos da área.

Durante o doutorado uma gama de questões sociopolíticas e culturais mostraram-se caras a uma educação de qualidade, talvez aquela que seus pais almejavam oferecer a ela e



aos seus irmãos, mas que eles não tinham como saber, que estava para além do binômio campo-cidade. Era preciso estudar mais, experimentar, refletir, refazer os caminhos. Práticas pedagógicas orientadas pela Etnomatemática mostraram-se alternativa viável a esta empreitada.

Qual foi a surpresa, ao se deparar na prática docente etnomatematicamente orientada com as mesmas perguntas que fazia na educação básica. Mesmo com os avanços tecnológicos e mudanças estruturais na formação docente, os alunos demonstraram vivenciar os mesmos dilemas por ela vividos. Tudo isso em um cenário de problemas sociais cada vez mais graves relativos a conflitos armados e violências epistêmica, institucional, de gênero, de raça e outras.

Novamente precisou refletir sobre o como ensinar, naquele contexto, para aqueles alunos representativos de tantos outros. Será que o Programa Etnomatemática lhe traria respostas? Refletiu. Recordou-se dos seus princípios e encontrou-se com a transdisciplinaridade. Sim, a transdisciplinaridade, essa já lhe era conhecida, mas naquele momento manifestava-se como necessidade prática e da prática.

Assim, percebeu que era hora de responder às perguntas que adormeceram sem respostas, sendo a transdisciplinaridade capaz de fornecer arcabouço teórico e metodológico para a práxis docente. Criou então, o Grupo de Estudos e Pesquisa Transdisciplinar em Etnomatemática para a Paz (GEPTEP). Agora busca romper silêncios aprisionadores de sonhos, a partir de ações criativas que motivam a estruturação de realidades de liberdade e paz.

Passado e presente em Etnomatemática

Past and Present in Ethnomathematics

Pasado y Presente en Etnomatemática

Resumo

Esta crônica apresenta o envolvimento e o encantamento da autora com o Programa Etnomatemática. Descreve uma trajetória marcada pelo anseio de receber e promover uma educação transformadora, na qual a Etnomatemática revelou-se como uma filosofia de vida capaz de orientar, encorajar e impulsionar a busca por novas possibilidades de atuação. Em um ciclo de ação-reflexão-ação, passado e presente se complementam, e a transdisciplinaridade desponta como necessidade prática e da prática, que lhe permite agir e sonhar. O que estará reservado ao futuro?

Palavras-chave: Identidade. Professora. GEPTEP.

Abstract

This chronicle presents the author's engagement with and fascination for the Ethnomathematics Program. It describes a trajectory marked by the desire to receive and promote a transformative education, in which Ethnomathematics has revealed itself as a philosophy of life capable of guiding, encouraging, and driving the search for new possibilities for action. Within a cycle of action–reflection–action, past and present complement each other, and transdisciplinarity emerges as a practical necessity arising from practice itself, enabling her to act and to dream. What might the future hold?

Keywords: Identity. Teacher. GEPTEP.

Resumen

Esta crónica presenta la implicación y el encantamiento de la autora con el Programa Etnomatemática. Describe una trayectoria marcada por el anhelo de recibir y promover una educación transformadora, en la cual la Etnomatemática se ha revelado como una filosofía de vida capaz de orientar, alentar e impulsar la búsqueda de nuevas posibilidades de actuación. En un ciclo de acción–reflexión–acción, pasado y presente se complementan, y la transdisciplinariedad emerge como una necesidad práctica y desde la práctica, que le permite actuar y soñar. ¿Qué estará reservado para el futuro?

Palabras clave: Identidad. Docente. GEPTEP.

